

## Dostoievski e Fernando Pessoa – aproximações

Tida Carvalho

*E quem sabe... talvez, todo o objetivo sobre a terra, a que aspira a humanidade, consista em uma única coisa... num incessante processo de realização, em outras palavras – na própria vida, e não no objetivo em si...*

F. Dostoievski, *Memórias do Subsolo*.

*E assim escondi-me atrás da porta, para que a Realidade, quando entra não me veja. Escondi-me debaixo da mesa, onde subitamente prego sustos à Possibilidade. De modo que desligo de mim, como aos dois braços de um amplexo, os dois grandes tédios que me cingem – o tédio de poder viver só o Real e o tédio de poder conceber só o possível.*

Fernando Pessoa (Vicente Guedes) *Livro do desassossego I*, p. 62

Este trabalho, esta leitura, pretende brotar de uma dívida de amor. Os dois escritores/demiurgos/daimons fizeram de mim trezentos, trezentos e cinquenta ouvidos e dedos querendo tocar, discernir, decifrar nosso estar-aí no mundo.

Aproximar-se de Pessoa já é cair na armadilha do vário e do múltiplo, e assim cada leitor de Pessoa é o seu mais recente heterônimo. A sua importância reside na experiência que ele viveu da pluralidade e da inexistência substancial daquilo que chamamos de nosso “eu profundo”. Haveria um desdobramento de personalidade nos dois casos: para Bakhtin, o homem não tem território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, ao olhar para dentro de si mesmo ele olha **o outro nos olhos ou pelos olhos do outro**. Fernando Pessoa, escritor compulsivo e múltiplo, tem um caráter de notação e registro implicado pela escrita fragmentária. Álvaro de Campos é o heterônimo que menos se defende, que mais se expõe, que mais se entrega à vertigem das sensações. Tem um olhar caleidoscópico, um olhar cubista que capta o objeto de vários ângulos ao mesmo tempo. Engenheiro naval por profissão, cosmopolita por formação, dândi por militância estética, histérico ciclotímico por constituição psíquica. Representante do sensacionismo, quer sentir tudo de todas as maneiras, até transbordar, extravasar-se. Esse sensacionismo é alcançado através de uma “análise acerada das sensações” (F. P. Páginas íntimas e de auto-interpretação).

Vejamos o poema que tem como primeiro verso: cruzou por mim..., o poema que será meu objeto de estudo e de aproximação com o romance *Memórias do subsolo*, de Dostoievski.

*Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa  
Aquele homem mal vestido, pedinte por profissão que se lhe vê na cara,  
Que simpatiza comigo e eu simpatizo com ele;*

*E reciprocamente, num gesto largo, transbordante, dei-lhe tudo quanto tinha  
(Exceto, naturalmente, o que estava na algibeira onde trago mais dinheiro:  
Não sou parvo nem romancista russo, aplicado,  
E romantismo, sim, mas devagar...),*

*Não: tudo menos ter razão!  
Tudo menos importar-me com a humanidade!  
Tudo menos ceder ao humanitarismo!  
De que serve uma sensação se há uma razão exterior para ela? Sinto uma enorme simpatia por essa gente toda,  
Sobretudo quando não merece simpatia.  
Sim, eu sou também vadio e pedinte,  
E sou-o também por minha culpa.  
Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:  
É estar ao lado da escala social,  
É não ser adaptável às normas da vida,  
Às normas reais ou sentimentais da vida –  
Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,  
Não ser pobre a valer, operário explorado,  
Não ser doente de uma doença incurável,  
Não ser sedento da justiça ou capitão de cavalaria,  
Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos novelistas  
Que se fartam de letras porque têm razão para chorar lágrimas,  
E se revoltam contra a vida social porque têm razão para isso supor.*

*Sim, ser vadio e pedinte, como eu sou,  
Não é ser vadio e pedinte, o que é corrente:  
É ser isolado na alma, e isso é que é ser vadio,  
É ter que pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso é que é ser pedinte.*

*Tudo mais é estúpido como um Dostoievski ou um Gorki.  
Tudo mais é ter fome ou não ter que vestir.  
E, mesmo que isso aconteça, isso acontece a tanta gente  
Que nem vale a pena ter pena da gente a quem isso acontece.*

*Sou vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato,  
E estou-me rebolando numa grande caridade por mim.*

*Coitado do Álvaro de Campos!  
Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!  
Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!  
Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos,  
Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita,  
Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco, àquele  
Pobre que não era pobre, que tinha olhos tristes por profissão.*

*Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se importa!  
Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!*

*E, sim, coitado dele!  
Mais coitado dele que de muitos que são vadios e vadiam,  
Que são pedintes e pedem,  
Porque a alma humana é um abismo.*

*Eu é que sei. Coitado dele!  
Que bom poder-me revoltar num comício dentro da minha alma!  
Mas até nem parvo sou!  
Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.*

*Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.*

*Não me queiram converter a convicção: sou lúcido.*

*Já disse: sou lúcido.*

*Nada de estéticas com coração: sou lúcido.*

*Merda! Sou lúcido.*

Há uma passagem em Vicente Guedes, no *Livro do Desassossego I*, da “Educação Sentimental” que servirá como ponte e explicação para a minha aproximação entre escritores tão fora do compasso e do espaço, como também um ficcionista e um poeta (ou poetas e, neste caso, um prosador). É uma manifestação de uma carga espantosa da recusa da vida e da espantosa impossibilidade de conceber outra vida possível:

*Escrevo, porque esse é o fim lógico, requinte supremo, o requinte temperamentalmente ilógico da minha cultura de estados de alma. Se pego uma sensação minha e a desfilo até poder com ela tecer-lhe a realidade interior a que eu chamo ou “A floresta do alheamento” ou “Viagem nunca feita”, acreditei que o faço não para que a prosa soe lúcida e trêmula, ou mesmo para que o eu goze com a prosa – ainda que mais isso quero, mais esse requinte final ajunto, como um cair belo de pano sobre meus cenários sonhados – mas para que dê completa exterioridade ao que é interior, para que assim realize o irrealizável, conjugue o contraditório e, tornando o sonho exterior, lhe dê o seu poder máximo poder de puro sonho, estagnador de vida que sou, burilador de inexatidões, pajem doente da minha alma Rainha, lendo-lhe ao crepúsculo não os poemas que estão no livro, aberto sobre meus joelhos, da minha Vida, mas os poemas que vou construindo e fingindo que leio, e ela fingindo que ouve, enquanto a Tarde, lá fora não sei como ou onde, dulcifica sobre esta metáfora erguida dentro de mim em Realidade Absoluta a luz tênue e última dum misterioso dia espiritual.*  
(L. D. I, p. 117)

A poesia dos heterônimos representou para Fernando Pessoa uma *cartarsis* de tendências inexprimíveis pela sua personalidade social, uma purgação ou purificação de invulgares, por vezes assustadoras emoções, volições e idéias, o que era, para os antigos, propriamente a finalidade do seu teatro trágico. Não haveria aí um parentesco com o ser/estar-aí no mundo de Dostoiévski? *Nunca ninguém se perdeu./Tudo é verdade e caminho* (de uma carta a Ofélia, datada de 26/08/1930). Álvaro de Campos, que não era um materialista ingênuo como Alberto Caeiro, mas uma mentalidade trabalhada pela civilização e pelo progresso, um engenheiro formado na Inglaterra.

Haveria uma multiplicidade de caminhos, se o poeta procura interpretar os sonhos de uma época e encontra um campo de ruínas, seus poemas vão criar desvios e caminhos errantes, conscientes de que jamais chegarão a um fim e jamais encontrarão o *caminho real*. Neste poema, como num livro do mundo, que inclui os grandes navegadores, os grandes santos, os poetas e escritores, todos eles sem escrita, vasta

prole expulsa dos que fazem a valia do mundo, as prostitutas, os funcionários mais diversos, etc.

Ambos os textos nos convidam a pensar, a mudar as idéias de lugar, como se guardassem uma força estranha que obriga o espírito a voltar-se contra si mesmo, tanto no ato da criação como no ato da leitura. Não é possível dizer onde estamos e menos ainda para onde vamos. Poesia e pensamento são formas de interrogar o mundo, uma espécie de “ciência” das coisas e do homem no mundo – não no sentido de uma sociologia do saber, mas no sentido de invenção, de experiências sensíveis por intermédio do movimento, do entendimento e da relação entre as palavras. Waléry observa que Nietzsche não é um alimento – é um excitante. Assim se dá com Dostoiévski e Fernando Pessoa, cujas obras convidam o leitor não a um consumo passivo, um alimento apenas, mas provocam: ser excitado é ser afetado, e ambos nos instalam no centro do sistema nervoso. A linguagem poética, em prosa ou poesia, tem esse caráter mágico, cuja função é produzir excitações sobre os nervos do espírito, criar um estado de encantamento ou de desconforto muitas vezes sem referência direta com o real. Seria uma forma, uma potência de transformação e de criação, feita para criar enigmas mais que para esclarecer. Daí que criação estética e mundo, simultaneamente excludentes e includentes, se contêm e se neguem: que o mundo, visto a partir dela, se pertença e não se pertença a si próprio. Estes textos foram escolhidos como manifestação da consciência do mundo e como consciência poética de si no mundo moderno.

As personagens que ultrapassam o limite em Dostoiévski são, quase exclusivamente, aquelas imbuídas de altos propósitos éticos e humanos; os burgueses não teriam essa qualidade. Há uma galeria das pessoas ordinárias que, como entende o romancista, são indispensáveis no romance, quase por uma questão de equilíbrio do real. A “consciência cindida” é captada em sua maior miséria em *Memórias do subsolo*, e o trágico da situação ali provém sobretudo do fato de que a personagem ignóbil está perfeitamente cônica de sua ignomínia. Há um toque de sarcasmo feroz, mas seu humanismo frenético aponta para o que há de mais profundo na natureza humana e no pensamento sobre essas profundezas. Seu questionamento dos problemas cruciais com que nos defrontamos foi realizado sempre ficcionalmente, mesmo quando atuava como jornalista e entrava em briga com ideologias correntes na época, assim como no poema de Álvaro de Campos. Ele diz de si: “sou filho de meu século, filho da descrença e da duvida, até hoje e (eu sei) até o túmulo”. Dostoiévski opera sempre com o humano

concreto, encarnado em suas personagens. Segundo uma informação de Boris Shnaiderman, um estudioso americano, W. Kaufman, definiu a novela *Memórias do Subsolo* como “a melhor introdução do existencialismo jamais escrita”. É incrível a capacidade de Dostoiévski de nos colocar diante do máximo de apreensão do trágico na faculdade humana de ter consciência. Haveria uma diatribe contra o racionalismo de seu tempo e contra toda a tradição do cartesianismo e do Iluminismo francês. Afunda-se no humanismo frenético que aponta para o que há de mais profundo na natureza humana e no pensamento sobre essas profundezas. Segundo Bakhtin nos mostra, Dostoiévski não constrói seus romances e contos em torno de sua ideologia, mas joga-a em meio às demais, discute com suas personagens, dá maior força de convicção ao oponente, em suma, realiza o tipo mais elevado do romance de idéias, aquele em que as personagens encarnam princípios e concepções de mundo sem perder nada de sua vitalidade. Seu pensamento sempre concreto, sempre ligado ao humano, retira sua maior força desta união do inteligível e do sensível, desta capacidade de fazer das idéias algo vital e cotidiano, que diz respeito a todos nós.

Voltando aos dois autores, há uma semelhança entre os dois em suas personas ficcionais, pois é exatamente dos limites de seus mundos tão restritos que eles irão tirar partido para iluminar a possibilidade de resolverem-se na sua inquietação. Álvaro de Campos, angustiado, sentimental e sedento de metafísica. No caso das *Memórias do Subsolo*, aquela subjetividade agressiva e torturada do narrador-personagem, o seu discurso alucinado, sua veemência desordenada, o fluxo contínuo de sua fala, que parece estar sempre transbordando, pode ser ouvido por trás da obra de muitos escritores da modernidade. Para concluir, tem-se, em ambos, a exposição de crenças e opiniões que se fortalecem com os “argumentos em contrário”. Tem-se também uma sensibilidade excepcional para as vicissitudes da história, o seu sentido dialético, assim como a dialética da alma humana como entidade enraizada na história e alimentada por ela.

*Sinto uma enorme simpatia por essa gente toda,  
Sobretudo quando não merece simpatia.  
Sim, eu sou também vadio e pedinte,  
E sou-o também por minha culpa.  
Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:  
É estar ao lado da escala social,  
É não ser adaptável às normas da vida,  
Às normas reais ou sentimentais da vida –  
Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,  
Não ser pobre a valer, operário explorado,  
Não ser doente de uma doença incurável,  
Não ser sedento da justiça ou capitão de cavalaria,*

*Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos novelistas  
Que se fartam de letras porque têm razão para chorar lágrimas,  
E se revoltam contra a vida social porque têm razão para isso supor.*

Destaco esta parte do longo poema para mostrar como a irrisão, o dogma da existência ordinária, sem metafísica ou transcendência, é tão próxima à atitude do “paradoxalista” de *Memórias do Subsolo*, na cena em que o personagem-narrador dialoga com Lisa, a prostituta que ele encontrou num bordel clandestino. Investe-se a cena de um sarcasmo sádico, numa dissonância que amplia a distância de uma solução possível para a existência humana nesse mundo. Assim como no poema, as coisas perdem o sentido à palma da mão, e nem as coisas findas, muito mais que lindas, ficarão.

Doutora em Literatura Comparada pela UFMG com a tese “Representações de diálogos dos mortos na Literatura Ocidental”.

Professora de Literaturas Brasileira e Portuguesa na PUC – Minas.

#### BIBLIOGRAFIA:

BORIS SCHNAIDERMAN. “Dostoievski: a ficção como pensamento”. In: *Artepensamento*. Adauto Novaes (org.). São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 217-240.

FERNANDO PESSOA. *Livro do desassossego*, vol. I: Vicente Guedes, ed. Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio d’ água, 1997.

FERNANDO PESSOA. “Cruzou por mim, veio ter comigo numa rua da Baixa”. Poema de Álvaro de Campos. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.